

## Línguas e culturas guarani nas universidades brasileiras

### Guarani languages and cultures in Brazilian universities

Vítor Jochims Schneider<sup>1</sup>  
Gabriel Eduardo Gonçalves<sup>2</sup>

**Resumo:** Tendo por base reflexões decoloniais, este estudo, de cunho qualitativo, tem como objetivo identificar e analisar produções acadêmicas de pesquisa em torno de línguas e culturas guarani em universidades brasileiras integrantes da Associação Grupo de Universidades Montevideo (AUGM). Num primeiro momento, apresentamos um panorama a respeito das línguas indígenas presentes na América Latina contemporânea, seguido da apresentação de um histórico das línguas guarani. Na seção seguinte, é apresentado um levantamento de produções de pesquisa em torno da língua e cultura guarani, realizadas em quinze universidades brasileiras, entre 2015 e 2020. A partir dos dados apresentados, propomos uma análise específica das pesquisas desenvolvidas na área de estudos da linguagem a respeito de línguas e culturas guarani.

**Palavras-chave:** língua guarani; cultura guarani; estudos da linguagem; educação.

**Abstract:** Based on decolonial thinking, this qualitative study aims to identify and analyze academic productions about Guarani languages and cultures in Brazilian universities which are members of AUGM group. At first, we present an overview of the indigenous languages in contemporary Latin America, followed by a history of Guarani languages. In the following section, a survey of research productions on the Guarani language and culture carried out in fifteen Brazilian universities from 2015 to 2020 is presented. Based on the data, we propose a specific analysis of research carried out in the field of language studies regarding Guarani languages and cultures.

**Keywords:** guarani languages; guarani cultures; language studies; education.

---

1 Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Santa Maria, RS, Brasil. Endereço eletrônico: [vtorjochims@gmail.com](mailto:vtorjochims@gmail.com).

2 Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Santa Maria, RS, Brasil. Endereço eletrônico: [gaboeduardo88@gmail.com](mailto:gaboeduardo88@gmail.com).

## **As línguas indígenas na América Latina contemporânea**

A América Latina já foi descrita inúmeras vezes como território de imensa diversidade linguística, palco de ação para modos diversos de exercer poder por meio das línguas (MARIANI, 2004; HAMEL, 2017; GORSKI, 2018). Dentro das investigações realizadas pela linguística histórica, estima-se que, no território onde hoje é Brasil, havia cerca de 1.300 línguas no período anterior à invasão colonial europeia. Atualmente, no território brasileiro, são faladas cerca de 200 línguas, sendo que as línguas ameríndias apresentam a maior parte deste conjunto, com cerca de 180 línguas, número que representa apenas 15% da imensa variedade de línguas que eram faladas antes de 1500 (RODRIGUES, 1993).

O Brasil é o país da América Latina com maior diversidade linguística e, ao mesmo tempo, é o país com o maior número de línguas ameaçadas. Tendo como foco esse conjunto de aproximadamente 180 línguas faladas no território brasileiro, encontramos uma notável diversidade linguística, acompanhada de uma considerável heterogeneidade demográfica. Tradicionalmente, os linguistas demonstram que a majestosa diversidade idiomática pode ser organizada em cinco grandes conjuntos de famílias linguísticas: os troncos tupi e macro-jê, acompanhados das famílias caribe, pano e aruak. Para além disso, encontramos variados status sociodemográficos que indicam desde línguas em estado vigoroso, com transmissão intergeracional em curso, até línguas que estão em vias de extinção. (RODRIGUES, 1993; MAIA, 2006).

Voltando nosso olhar para a América Latina, é possível identificar um conjunto de línguas ameríndias que apresentam estado vigoroso de transmissão intergeracional, que alcançam um número de falantes superior a 100.000. A língua quechua é falada por cerca de 12 milhões de habitantes no Equador, Peru, Bolívia e partes da Argentina. A língua guarani, considerando suas variantes, é falada por cerca de 10 milhões de pessoas no Paraguai, nordeste argentino e regiões sul e sudeste do Brasil. As variantes dialetais da língua maia são faladas por povos tradicionais na Guatemala e México. O aimará conta com cerca de 3 milhões de falantes na Bolívia, Peru e Chile. Por fim, o idioma nahuatl é a língua materna de cerca de 2 milhões de pessoas no México (BONFIM, 2016).

Nas últimas décadas, tais línguas foram objeto de uma série de políticas linguísticas empreendidas em nível estatal. No Peru, por exemplo, o quechua é considerado, junto do castelhano, como língua oficial desde 1975. Em 1993, o país oficializa igualmente a língua aimará. No Equador, desde 2008, o estado reconhece, junto ao castelhano, os idiomas quechua e ashuar como ferramenta de trabalho intercultural. No Paraguai, o guarani figura como idioma

nacional desde a constituição de 1967, porém, em 1992, o idioma é oficializado. Na Bolívia, desde 2009, com a proclamação da constituição plurinacional, todos os idiomas nativos – independentemente do número de falantes – são considerados idiomas oficiais do estado.

Tais ações podem ser descritas como política linguística de planejamento de status (KLOSS, 1969; HAUGEN, 1983). Nesses casos, verifica-se a intervenção do poder público para realização de escolhas funcionais, ou seja, que dizem respeito ao emprego de determinados idiomas para a realização de ações sociais em diferentes esferas. Essas intervenções implicam a produção de políticas de planejamento linguístico, que podem ser realizadas através de legislações específicas, mudanças nos currículos escolares, alteração dos meios de comunicação.

Na ecologia das línguas ameríndias que alcançaram estatuto de línguas oficiais, o caso do guarani destaca-se por ser idioma falado em quatro países – Paraguai, Argentina, Bolívia e Brasil –, que adotam políticas linguísticas distintas. De acordo com Lopez e Küper (1999), o caso do guarani paraguaio é paradigmático, visto que, ao longo da história, a sociedade crioula se apropriou de uma língua indígena e fez dela seu idioma de identificação nacional. A maior parte da população paraguaia é bilíngue, fazendo do guarani uma língua que atravessa distintas classes sociais. A Constituição Nacional do Paraguai oficializou a língua guarani junto ao castelhano, em 1992. Além disso, o país criou uma Secretaria de Políticas Linguística (SPL), a qual se tornou responsável pela promulgação e aplicação da Ley de Lenguas 4251/2010, bem como pela criação da Academia de Língua Guarani (ALG). Em 2004, por meio da Ley Provincial 5.598, o guarani tornou-se língua oficial, juntamente com o castelhano, na província de Corrientes, nordeste argentino. Em 2009, conforme já mencionado, o idioma é reconhecido como oficial na Bolívia. Para além das oficializações nacionais, o guarani passou a ser reconhecido como idioma oficial do Mercosul, junto com o castelhano e o português.

Em 2021, a Associação Grupo de Universidades Montevideo (AUGM) deu início às atividades da Cátedra Guarani. A AUGM, criada em 1991, é uma rede de universidades públicas e autônomas de Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Essa rede de instituições tem como principal objetivo o compartilhamento de recursos materiais e humanos para consolidação de um espaço acadêmico de qualidade, vinculado às realidades locais do sul global. Dentro de sua estrutura organizativa, a AUGM abriga três cátedras, concebidas como instrumentos institucionais para convergência de especialistas de uma determinada área, dedicados ao desenvolvimento de ações cooperativas para fortalecer a formação, investigação e o intercâmbio acadêmico.

A proposta de constituição da Cátedra Guarani AUGM partiu da Universidad Nacional de Itapua (Paraguai), tendo como propósito principal envolver investigadores e comunidades locais no desenvolvimento de propostas acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão que propiciem o intercâmbio, a difusão e a normalização da língua guarani. No momento de sua criação, o conselho acadêmico da cátedra foi composto por representantes da Universidad Nacional de Itapua, Universidad de la República (Uruguai), Universidade Federal de Santa Maria (Brasil), Universidad Nacional de Corrientes (Argentina), Universidad Nacional del Litoral (Argentina) e Universidade Federal do Paraná (Brasil).

No intuito de cooperar com o mapeamento de trabalhos acadêmicos acerca das línguas e culturas guarani, de modo a auxiliar a AUGM na implantação da Cátedra Guarani, este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa inicial em torno da produção de conhecimento sobre as línguas e culturas guarani no espaço acadêmico brasileiro. Esse levantamento sistemático de ações investigativas realizadas na forma de TCCs, dissertações e teses desenvolvidas entre 2015 e 2020 nas 15 universidades brasileiras que atualmente fazem parte da Associação Grupo de Universidades Montevideo<sup>3</sup>. Por meio desse levantamento, será possível mapear de que modo a língua e a cultura guarani têm sido mobilizadas na produção de conhecimento, sob uma reflexão decolonial, bem como lançar algumas hipóteses interpretativas a respeito de como língua e cultura guarani circulam na esfera acadêmica, com enfoque nos trabalhos desenvolvidos na área de linguagens.

A partir desses objetivos, temos por base os estudos de Stumpf e Sito (2022), de modo que buscaremos aproximar nossa análise de uma reflexão decolonial, tal como as pesquisadoras realizaram em seus estudos. Em sua pesquisa, as autoras destacam que observam as licenciaturas interculturais - ações acadêmicas de ensino - “como movimentos criativos de resistência epistemológica dos povos indígenas que contribuem com estratégias que buscam romper com a colonialidade e construir alternativas de transformação do saber e da formação.” (STUMPF; SITO, 2022, p. 144).

Ao considerarmos essa perspectiva, tal como as autoras, compreendemos os trabalhos acadêmicos sobre línguas e/ou culturas guarani com dupla função. Por um lado, esses trabalhos

---

<sup>3</sup> Atualmente, o Brasil conta com 15 universidades federais como membro da AUGM: [Universidade Federal do ABC \(UFABC\)](#); [Universidade Federal de Goiás \(UFG\)](#); [Universidade Federal de Minas Gerais \(UFMG\)](#); [Universidade Federal do Paraná \(UFPR\)](#); [Universidade Federal do Rio Grande \(FURG\)](#); [Universidade Federal do Rio Grande do Sul \(FURG\)](#); [Universidade Federal do Rio de Janeiro \(UFRJ\)](#); [Universidade Federal de Santa Catarina \(UFSC\)](#); [Universidade Federal de São Carlos \(UFSCar\)](#); [Universidade Federal de Santa Maria \(UFSM\)](#); [Universidade de Brasília \(UnB\)](#); [Universidade Estadual Paulista \(UNESP\)](#); [Universidade Estadual de Campinas \(UNICAMP\)](#); [Universidade Federal de São Paulo \(UNIFESP\)](#) e [Universidade de São Paulo \(USP\)](#).

cooperam como mecanismo de resistência e manutenção dos costumes, histórias, conhecimento, língua e cultura dos povos guarani; por outro lado, tais ações servem como estrutura de base, na qual se constrói a possibilidade de tais ideias e cosmovisões indígenas serem observadas como válidas, apesar de o legado colonial restringir historicamente questões de conhecimento, identidade e território desses povos.

Para esse percurso, nosso trabalho está organizado inicialmente pela apresentação de um panorama histórico da língua guarani e suas variantes, bem como de sua presença no território brasileiro contemporâneo. Em seguida, apresentaremos os dados obtidos por um levantamento sistemático de monografias, dissertações e teses que abordam temáticas de língua e/ou cultura guarani, produzidas pelas universidades-membro da AUGM, no período de 2015 a 2020. Por fim, lançaremos algumas hipóteses interpretativas e questionamentos a respeito dos dados obtidos, com enfoque nos trabalhos desenvolvidos na área de linguagens.

### **Língua guarani: história e atualidade**

Diacronicamente, o mosaico das variedades linguísticas que compõem o guarani costuma ser analisado em três grandes períodos: arcaico, colonial e moderno. O período arcaico corresponde aos séculos anteriores à invasão colonial, e nele são situadas as variantes cario, tobatí, guarambaré, paraná, uruguai, tape, guaira, itatin, tarumá, chiriguano (MELIÁ, 1992).

O período colonial corresponde à era posterior ao contato estabelecido com os invasores coloniais no início do século XVI. Nesse período, as variantes arcaicas do guarani entram em contato com o castelhano e português e com as dinâmicas sociais dos jesuítas. A historiografia da língua guarani costuma apresentar a formação de três variantes: guarani criollo, falado pelos espanhóis e seus descendentes; guarani jesuítico, falado dentro das reduções missionárias e o kayngua, a língua falada pelos indígenas da mata.

Já no período moderno, é possível identificar o surgimento de um guarani paraguaio, ou avañe'e. Essa variante, proveniente dos guarani criollo e jesuítico, após diferentes enquadramentos ideológicos, tornou-se, a partir de 1950, um elemento simbólico nas políticas nacionalistas do Paraguai (LUSTIG, 1996; RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2000). Em paralelo a essa variante, que veio a se tornar idioma oficial, o kayngua, isto é, a língua dos da mata, atravessou os séculos e é mantida por comunidades guarani de diferentes parcialidades étnicas, localizadas em diferentes pontos territoriais. No leste da Bolívia, encontram-se os grupos chaco, chiriguano e tapiete. No norte da Argentina, estão os grupos mbya, chaco, chiriguano e tapiete. No Paraguai, localizam-se os grupos chiripá, kaiowa, mbya e guaiaki. No Brasil, são identificados

os grupos mbya, kaiowa, nhandeva e avá-guarani (EMGC; 2016; MELIÁ, 1992; SCHADEN, 1974).

O termo *língua guarani*, portanto, pode ser empregado para se referir a contextos sociolinguísticos extremamente distintos, o que exige abordagens investigativas variadas. A oficialização do idioma guarani no Paraguai, na província de Corrientes, Argentina, e na Bolívia tem sido examinada por diversos autores, desde as mais variadas perspectivas teóricas (LUSTIG, 1996; GANDULFO, 2016; GUSTAFSON, 2002). Quando a investigação se situa no território brasileiro, encontramos um cenário muito distinto, visto que o termo *língua guarani* é empregado majoritariamente para referir-se às línguas mbyá, kaiowa, nhandeva e tupi, faladas dentro de comunidades indígenas. É necessário ter em mente que essa identificação étnica é distinta nos territórios vizinhos, sobretudo no Paraguai, onde as comunidades falantes de guarani não se identificam necessariamente como *indígenas*.

Ao contrário de seus vizinhos, o estado brasileiro propôs modificações mínimas em suas políticas linguísticas com relação à língua guarani, bem como em relação às demais línguas indígenas. A organização e consolidação, ao longo dos séculos, de uma política monolíngue pode ser compreendida como uma das formas da colonialidade do poder, tal como pode ser visto na proposta de Aníbal Quijano (1998).

De acordo com o sociólogo peruano, as distinções hierarquizadas e assimétricas que organizaram a invasão colonial da América não se extinguiram com o fim do *período colonial* nem com a ascensão das nações latino-americanas, pois modelam as estruturas de poder que organizam o acesso a direitos, recursos e conhecimentos. Nesse sentido, ao considerar a dinâmica organizada a partir da colonialidade do poder nas Américas, destaca-se a presença da hegemonia focada no eurocentrismo como perspectiva de um *padrão epistemológico colonial* (QUIJANO, 1998). Nesse viés, as produções e a circulação dos saberes oriundos das comunidades indígenas, sobretudo, daqueles com enfoque nas cosmovisões e conhecimentos tradicionais, encaram a marginalização pautada pela visão cientificista europeia, respaldada pela experimentação, sistematização e generalização de critérios.

Ao observarmos as dinâmicas de políticas linguísticas brasileiras, destaca-se a política monolíngue que caracteriza o estado brasileiro, sendo consequência de uma modalidade de controle do poder, do conhecer e do existir que supõe a superioridade racial europeia e encaminha os modos de conhecer e existir não brancos a um grau de inferioridade.

Excetuando a experiência de alguns municípios que cooficializaram línguas indígenas<sup>4</sup>, essas contam com respaldo legal pelos artigos 210 da Constituição Federal que as reserva como meio de instrução nas escolas indígenas. Tal direito é reafirmado pelos artigos 32, 78 e 79 da Lei de Diretrizes e Bases para Educação (LDB) e por uma série de instrumentos legais que sustentam e organizam a educação escolar indígena.

À revelia da ausência de uma política de planejamento linguístico efetiva para manutenção da língua guarani no território brasileiro, os dados sociolinguísticos coletados em comunidades indígenas demonstram, em diversos cenários, o caráter vigoroso dessa língua. O *Inventário da língua mbyá guarani*, elaborado pelo IPOLL em 2011, levantou dados que demonstram seu alto grau de vitalidade, dada a alta taxa de transmissão intergeracional: 98% dos informantes afirmaram o desejo de transmitir a língua aos filhos, netos e bisnetos. Dos 5.745 informantes contatados, apenas quatro indivíduos afirmaram ser falantes monolíngues de português (MORELLO; SEIFFERT, 2011).

### **Línguas e culturas guarani nas universidades brasileiras**

Diante da complexidade exposta, o intuito desta pesquisa concentra-se no mapeamento de trabalhos acadêmicos sobre a língua e/ou cultura guarani desenvolvidos em universidades brasileiras. De acordo com a delimitação do *corpus*, as produções consideradas para o levantamento de informações são: Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) ou Monografias (graduação e especialização), Dissertações de mestrado e Teses de doutorado desenvolvidos em universidades integrantes da AUGM: FURG, UFABC, UFG, UFMG, UFRGS, UFRJ, UFSC, UFSM, UFSCar, UFPR, UnB, UNESP, UNICAMP, UNIFESP e USP.

A análise foi delimitada por duas diretrizes: (I) Limitação temporal: 2015 a 2020 e (II) Presença dos termos de busca *língua guarani* e *cultura guarani*, no título e/ou resumo, que tivessem relação com as comunidades indígenas. A partir dos critérios estabelecidos, a sistematização das informações em formato de tabela procurou descrever as seguintes informações:

---

4 Em 2022, são 10 municípios que cooficializaram línguas indígenas: São Gabriel (AM), Santo Antônio do Iça (AM); São Félix do Xingu (PA), Bonfim e Cantá (RR), Tocantínia (TO); Tacuru (MS); Miranda (MS); Barra do Corda (MA); Monsenhor Tabosa (CE).

Figura 1 - Sistematização dos trabalhos acadêmicos

ANO							
Universidade	Categoria	Autor(es)	Orientador(es)	Título	Área de estudo	Link para texto	Autoria indígena <sup>5</sup>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Quantitativamente, é válido destacar o aumento da produção sobre línguas e/ou cultura guarani ao longo da limitação temporal. Comparando os dados obtidos referentes a 2015 com os dados de 2020, é possível verificar um aumento de aproximadamente 17%. O aumento quantitativo dessas produções indica o forte engajamento de pesquisadores que estão buscando desenvolver os tópicos ligados à temática guarani. Como consequência dessas ações, cooperam para a difusão da circulação de saberes indígenas, construindo, paulatinamente, mecanismos para sua reprodução e consolidação.

Nesse engajamento, concentram-se não apenas os autores, mas também docentes que contribuem para a disseminação de tais assuntos. O acréscimo dessas práticas fomenta a decolonização da pesquisa, de modo a contribuir para que os agentes da epistemologia sejam os indígenas; caso contrário, “os conhecimentos indígenas são apropriados, e o que não é apropriado é chamado de superstição” (BANIWA, 2019, p. 49). A fala do autor indígena Gersem Baniwa refere-se especificamente à área da antropologia e é sobre os Baniwa; contudo, sua análise reflete a situação guarani, pois a replicação do epistemicídio total ou parcial se desenvolve nas diferentes áreas de conhecimento, independentemente da língua ou cultura indígena analisada.

Figura 2 - Trabalhos acadêmicos sobre línguas e/ou culturas guarani das universidades integrantes da AUGM

UNIVERSIDADE	ANO						TOTAL
	2015	2016	2017	2018	2019	2020	
FURG	0	0	1	0	0	1	2
UFABC	0	0	0	0	0	0	0
UFG	0	0	0	0	0	0	0
UFMG	1	0	1	1	2	0	5
UFRGS	2	3	3	1	8	5	22
UFRJ	0	0	1	0	0	0	1
UFSC	8	4	7	8	10	20	57
UFES	2	3	0	0	2	0	7

5 Como critério, levaram-se em conta apenas as produções nas quais a autoria indígena estava explícita na apresentação do texto. Desse modo, apenas os trabalhos desenvolvidos pela Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (UFSC) foram registrados nessa categoria.

<b>UFSCar</b>	2	2	2	2	3	2	<b>13</b>
<b>UFPR</b>	1	4	2	8	8	3	<b>26</b>
<b>UnB</b>	0	2	3	3	4	2	<b>14</b>
<b>UNESP</b>	2	1	1	2	1	3	<b>10</b>
<b>UNICAMP</b>	3	2	1	1	1	2	<b>10</b>
<b>UNIFESP</b>	0	0	0	2	1	2	<b>5</b>
<b>USP</b>	4	4	2	9	2	3	<b>24</b>
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>24</b>	<b>37</b>	<b>42</b>	<b>43</b>	<b>196</b>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Avançando nosso olhar para os dados, verifica-se notável diferença nos níveis de ensino. Mais da metade dos trabalhos catalogados, 51%, foram desenvolvidos como dissertações de mestrado, seguidos pela produção de teses, que correspondem a 25,5% das produções. Há de se levar em conta a necessidade de que essas pesquisas saiam da academia, para evitar a reprodução da burocratização do conhecimento, na qual estão baseados quatro aspectos citados por Baniwa (2019), acerca da promoção dos conhecimentos: (1) censura, (2) seletividade, (3) concorrência e (4) exclusão. Nesse sentido, destacamos três desses itens: a censura, a seletividade e a exclusão que são fortes mecanismos repressivos observados e passíveis de serem reproduzidos na/pela produção de conhecimento, pois, à medida que censuram o que será estudado definindo se o estudo está ou não de acordo com o padrão científico adotado, preveem a seleção do conhecimento já sancionado e determinam para quem será direcionado, de modo a gerar a exclusão epistemológica.

Levando em conta tais mecanismos de limitação do acesso ao conhecimento, principalmente, no âmbito acadêmico, observamos, mais uma vez, a reprodução dos mecanismos do colonialismo do poder (QUIJANO, 1998), favorecendo aqueles que estão inseridos no ideal do pensamento ocidental. Portanto, é preciso que essas estruturas sejam dribladas, para que esses conhecimentos que possuem intuito de promoção das línguas e culturas guarani, em nível avançado de análise e pesquisa, cheguem ao povo, de modo a tornar acessível à informação a diversos grupos sociais.

Observando os dados por outro viés, é possível perceber uma considerável concentração de trabalhos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A instituição é responsável por 57 das produções catalogadas, o que indica um contexto de efervescência intelectual decorrente da implantação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. A partir de 2020, o repositório passa a registrar os trabalhos de conclusão de curso de graduação da primeira turma de alunos guarani. É necessário observar que a formação de tais alunos não é ação isolada desta instituição, mas faz parte de um conjunto de esforços das

comunidades guarani para criação de espaços de formação e investigação em línguas e culturas indígenas da região sul.

Ao analisar os dados do ponto de vista territorial, percebe-se que a região Sul constitui a maior propulsão na produção de conhecimento, de modo que FURG, UFRGS, UFSC, UFSM e UFPR representam 58% de todas as informações coletadas. Em seguida, vem a região Sudeste, em que a UFMG, UFRJ, UFSCar, UNESP, UNICAMP, UNIFESP e a USP representam 38% de presença na base de dados.

Com relação às áreas de conhecimento presentes nos trabalhos acadêmicos sobre línguas e/ou culturas guarani desenvolvidos nas universidades integrantes da AUGM, é possível verificar uma variedade de disciplinas nas quais são desenvolvidas pesquisas sobre língua e cultura guarani.

Figura 3 - Áreas de conhecimento em trabalhos acadêmicos sobre línguas e/ou culturas guarani nas universidades brasileiras integrantes da AUGM.

Áreas do conhecimento	Quantidade de trabalhos
Artes	5
Ciências da Saúde	8
Ciências da Natureza	13
Ciências Sociais Aplicadas	8
Ciências Humanas	84
Comunicação	5
Desen. Rural e Sustentável	13
Engenharia	2
Educação	19
Interdisciplinar	5
Letras/Linguística	20
Licenciatura Intercultural Indígena	14

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

É possível apontar uma concentração de produções na área de Ciências Humanas, que representa 42,85% das produções. Em segundo e terceiro lugar, estão as áreas de Letras/Linguística (10,20%) e Educação (9,69%).

## Línguas e culturas guarani nos estudos da linguagem

Em um célebre texto de 1966, Aryon Rodrigues afirmava que o estudo das línguas indígenas constituía a maior tarefa da linguística no Brasil. O linguista não restringia essa tarefa aos estudos descritivos da denominada *linguística pura*, mas indicava caminhos para uma *linguística aplicada*, dedicada à ortografia das línguas indígenas, à alfabetização de grupos indígenas em suas línguas e ao ensino de português nas comunidades indígenas (RODRIGUES, 1966). Na atualidade, mais de 50 anos após o texto de Rodrigues, podemos realizar um exercício em escala menor, avaliando o que tem sido produzido pelas áreas de estudos da linguagem acerca das línguas e culturas guarani.

Para tanto, retomamos nosso banco de dados e focalizamos as produções acadêmicas advindas de cursos de graduação e de programas de pós-graduação em Letras, Linguística e Literatura. A partir de tal delimitação, contamos com dezesseis títulos que são apresentados em ordem cronológica na tabela abaixo:

Quadro 1 - Trabalhos acadêmicos nos Estudos da Linguagem sobre línguas e/ou culturas guarani das universidades integrantes da AUGM (2015-2020)

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Nível</b>	<b>Universidade</b>	<b>Ano</b>
O convívio de línguas em Ciudad del Leste, Paraguai	Sara Regina Jorge Braga	TCC (graduação)	UFSCAR	2015
Entre a tradição e a tradução: representações sobre identidades e línguas da fronteira Brasil/Paraguai	Eli Gomes Castanho	Tese	Unicamp	2016
Guaranet: experiências de contato e intercompreensão em guarani, português, espanhol e francês	Fernanda Martins Felix	Dissertação	UFPR	2016
Aspectos sintáticos e semânticos da intensificação de grau no Guarani Paraguaio	Lara Frutos	Tese	USP	2016
"Se nós não fosse guerreio nós não existia mais aqui": ensino-aprendizagem de línguas para fortalecimento da luta Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng	Carlos Maroto Guerola	Tese	UFSC	2017
"Com a flecha engatilhada": rap e textualidades indígenas	Sofia Robin Ávila da Silva	Dissertação	UFRGS	2017

descolonizando as aulas de literatura				
“A gente tá apenas em construção, construindo nossa forma, tentando achar a forma ideal pra fazer uma educação diferenciada, e que nós queremos”: a Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC e as políticas linguísticas	Beatriz de Oliveira	TCC	UFSC	2018
Eu acho que os índios não querem mais falar na linguagem por causa do preconceito, não é professora!: desafios na educação escolar intercultural bilíngue entre os Aikewara & Guarani-Mbya no sudeste do Pará	Maria Cristina Macedo Alencar	Tese	UFSC	2018
Uma poética desterritorializada em Mar Paraguayo	Diego Emanuel Damasceno Portillo	Dissertação	UFPR	2018
Análise morfológica da língua Kaiowá : fundamentos para uma gramática e dicionário bilíngue	Rosileide Barbosa de Carvalho	Dissertação	UNB	2018
Narrativas míticas guarani no Brasil: das belas palavras às experiências míticas - vozes de resistência dos guarani contemporâneos	Daniela Gebelucha	Dissertação	UFRGS	2019
A designação das línguas e sua distribuição para falantes na tríplice fronteira Brasil – Paraguai – Argentina	Amanda Castilho Azzali	Dissertação	UFSCAR	2019
Roça barroca: mundos torreses	Dennis Lauro Radünz	Dissertação	UFSC	2020
A transparência nas línguas da família Tupi-Guarani: guajá, kamaiurá, kokama e kaiowá	Carolina Cau Spósito	Tese	UNESP	2021
Sintagmas nominais no Kaiowá : expressão de número e (in)definitude	Daiane Ramires	Dissertação	UNB	2019

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Focando as produções acadêmicas na área de estudos linguísticos, encontramos investigações realizadas em torno do guarani paraguaio e do guarani kaiowa. O trabalho de Lara Frutos (2016) apresenta uma descrição formal do guarani paraguaio para, em seguida, realizar uma análise sintático-semântica das expressões de grau que toma como foco os marcadores *ite*, *iterei*, *rasa* e *heta*.

Com relação à língua kaiowá, encontramos os trabalhos de duas acadêmicas indígenas que desenvolveram suas investigações vinculadas ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília. Rosileide Barbosa de Carvalho (2018) propõe uma revisão de estudos morfossintáticos das línguas Tupi-Guarani no subconjunto I. Tal revisão é acompanhada de reflexões estabelecidas a partir de dados coletados pela autora em suas ações de ensino da língua kaiowá. A outra pesquisadora do laboratório, Daiane Ramires (2019), realiza uma investigação de base gerativista para verificar de que modo o kaiowá, sendo uma língua desprovida de artigos, expressa as categorias semânticas de definitude e indefinitude. Para tanto, o trabalho toma como foco o morfema opcional de plural -kuera. A investigação é realizada a partir de dados inéditos obtidos através de questionário de elicitación controlada. Encerrando o conjunto de produções em estudos linguísticos, está a tese de Carolina Cau Spósito (2021), desenvolvida dentro da perspectiva da gramática discursivo-funcional, com o objetivo de avaliar as relações de transparência e opacidade em quatro línguas da família tupi-guarani: guajá, kamaiurá, kokama e kaiowá.

Ao refletirmos sobre a seara dos estudos linguísticos, verificamos que as produções aqui colocadas tiveram enfoque na descrição linguística, de modo a variar as abordagens. A realização desses estudos é direcionada para estudiosos da área – os linguistas –; contudo, há que se levar em conta a necessidade de que tais informações possam sofrer adaptações e tenham utilidade no ensino da língua escrita aos indígenas. As autoras Toledo e Miranda (2021) refletem sobre algumas possibilidades de utilidade da descrição linguística, sendo uma delas a “elaboração de materiais didáticos e planejamentos educacionais”; além disso, elas também detalham outras aplicações para os conhecimentos obtidos a partir da atividade de descrição linguística, tais como “desenvolver uma ortografia de uma língua (...) dicionários (a partir dos léxicos coletados) e coletânea de textos”. Nas palavras delas, “a partir dos estudos fonéticos e fonológicos, podemos elaborar uma gramática pedagógica (utilizando a morfologia e sintaxe da língua)”. (TOLEDO; MIRANDA, 2021, p. 12).

Já na área de estudos literários, encontramos quatro contribuições que dialogam de modos diversos com a língua e a cultura guarani tradicional e contemporânea. A dissertação de

Sofia Robin Ávila da Silva (2017) apresenta um estudo do rap produzido em comunidades mbyá e kaiowá como ferramentas pedagógicas para o ensino de literatura na educação básica. Dentro da mesma linha de pesquisa, Daniela Gebelucha (2019) apresenta, em sua dissertação, uma investigação sobre como narrativas tradicionais guarani são atualizadas em diferentes suportes na contemporaneidade. A autora demonstra como elementos narrativos registrados em textos considerados clássicos pelos guaraniólogos, como o *Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá*, coletados na década de 1940 por León Cadogan, são retomados e ressignificados por autores indígenas como Kaká Werá Jecupé, Timóteo Verá Tupã Popygua e cineastas guarani de diferentes regiões.

Outra dissertação que busca compreender a retomada de narrativas tradicionais guarani na produção literária contemporânea é *Roça Barroca: mundos torrentes*, de Dennis Lauro Radünz (2020). Em sua investigação, o autor realiza um estudo de como a poeta Josely Vianna Batista transcribia em língua portuguesa alguns dos cantos cosmogônicos Mbyá registrados por Cadogan. Encerrando o conjunto de produções na área de estudos literários, está a dissertação de Diego Emanuel Damasceno Portillo (2018), na qual a obra *Mar Paraguayo*, do escritor paranaense Wilson Bueno, é analisada a partir de teorias literárias e antropológicas. A obra em questão é produzida por meio da confluência dos idiomas português, espanhol e guarani e, assim como as obras examinadas pelos demais pesquisadores da área, retoma a cosmogonia guarani como elemento articulador da obra literária.

A presença dessas produções, em que se destaca primordialmente a retomada da cosmovisão indígena, não trata apenas de conhecimentos religiosos guarani, mas sim do modo de viver desses povos, apresentando um novo paradigma a ser (re)pensando pela sociedade ocidental eurocêntrica. Assim, podemos listar quatro principais tópicos que consideramos relevantes ao se examinar a disseminação das narrativas e cosmovisões guarani: (1) valorização e manutenção da diversidade cultural; (2) conhecimento ecológico; (3) diálogo intercultural e (4) preservação da cultura e identidade.

Outro conjunto de produções verificadas tem como tema a presença da língua guarani em espaços de ensino. Fernanda Martins Felix (2016), em sua dissertação, apresenta um relato do projeto Guarinet, o qual foi desenvolvido com participação de alunos indígenas e não-indígenas de uma escola de ensino fundamental no Paraná, bem como de professores argentinos e franceses. O projeto investigativo teve como objetivo inserir língua e cultura guarani em um projeto já existente que visa a promover experiências em intercompreensão e diversidade linguística.

Também tratando da presença de línguas indígenas no espaço escolar, Carlos Maroto Guerola (2017) realiza, em sua tese, uma pesquisa etnográfica que acompanha a execução do programa *Ação Saberes Indígenas da Escola*, entre 2015 e 2017. Por meio de uma perspectiva teórica solidamente constituída, o autor busca em seus dados discursivos apontar alternativas teóricas para o ensino das línguas guarani, kaingang e laklãnõ-xokleng dentro das escolas indígenas de Santa Catarina.

Na mesma linha de Guerola, encontramos outras duas produções, oriundas da UFSC, que tratam da presença de línguas indígenas dentro do espaço escolar a partir da perspectiva das políticas linguísticas. O trabalho de conclusão de curso de Beatriz Oliveira (2018) examina algumas das legislações a respeito das políticas linguísticas voltadas para a educação das populações indígenas na região sul e verifica como elas são mobilizadas e, por vezes, alteradas em práticas discursivas. Dentro da mesma temática, a tese de Maria Cristina Macedo Alencar (2018) investiga a educação escolar para os grupos Aikewara e Mbyá guarani no sudoeste do Pará. A partir de uma pesquisa de cunho etnográfico, a pesquisadora realizou diagnósticos sociolinguísticos das comunidades, os quais indicam a baixa transmissão intergeracional das línguas indígenas, bem como a ausência de um ensino bilíngue intercultural. Diante de tal cenário, a pesquisadora apresenta propostas curriculares para efetivação de um ensino intercultural e bilíngue.

Considerando o conjunto das produções acadêmicas na área de Letras, um grupo de trabalhos chama a atenção por tratar do guarani a partir do contato linguístico que se estabelece no território de fronteira. O trabalho de Sara Regina Jorge Braga (2015) busca apresentar a situação linguística de Ciudad del Este, a partir de entrevistas que buscam verificar como os sujeitos se relacionam com as línguas oficiais da região e com a variedade jopará.

Em sua tese, Eli Gomes Castanho (2016) busca analisar as relações entre línguas e identidades na fronteira entre Brasil e Paraguai. Com apoio nos estudos de análise do discurso, a autora verifica de que modo as línguas oficiais da região são compreendidas por sujeitos moradores de Ponta Porã e Amambai. Em relação à língua guarani, os dados indicam que sujeitos paraguaios constroem um discurso que posiciona tal idioma como símbolo nacional, ao passo que, para brasileiros, o idioma é considerado como uma língua de menos status, sendo, por vezes, compreendida como dialeto. De modo semelhante, a dissertação de Amanda Castilho Azzali (2019) busca compreender a distribuição de línguas no espaço fronteiro de Foz do Iguaçu. Com base na semântica da enunciação, a pesquisadora realiza entrevistas e faz um

levantamento de anúncios de diferentes espaços da região para constituir um corpus no qual são analisados os meios como os sujeitos se identificam como falantes de um determinado idioma.

## **Conclusões**

A Cátedra Guarani foi proposta, em 2020, pela Universidad Nacional de Itapúa, em conjunto com outras instituições latino-americanas, com o objetivo de fortalecer e promover ações acadêmicas em torno da língua e cultura guarani. Com o intuito de oferecer um mapeamento das ações de pesquisa a respeito da língua e cultura guarani, desenvolvidas nas universidades brasileiras que compõem a AUGM, foi produzido neste artigo um levantamento descritivo das investigações realizadas em nível de graduação e pós-graduação.

A partir da identificação de 196 produções acadêmicas realizadas entre 2015 e 2020, foi possível observar de que modo a universidade brasileira apresenta uma considerável produção de conhecimento em torno da língua e cultura guarani. Com base nos dados apresentados, é possível verificar um terreno profícuo de investigações que aproximam diferentes áreas do conhecimento. Além do forte caráter interdisciplinar que caracteriza as pesquisas identificadas, é necessário indicar o potencial decolonial dos estudos de língua e cultura guarani. Os dados elaborados indicam a presença de acadêmicos guarani de diferentes regiões do país que se dedicam a sistematizar conhecimentos linguísticos, bem como a promover investigações específicas a respeito das práticas culturais de suas comunidades de origem.

Restringindo o foco de análise para as produções realizadas em cursos de graduação e pós-graduação em Letras, foi possível verificar a presença de estudos linguísticos descritivos, bem como a de estudos acerca do contexto sócio-histórico no qual a língua guarani se faz presente. Além disso, foram verificadas produções dedicadas à análise de materiais literários contemporâneos, nos quais língua e cultura guarani são mobilizadas com diferentes propósitos.

É necessário registrar que, ao longo da realização de levantamento das produções acadêmicas no âmbito da pesquisa em torno de língua e cultura guarani, foram identificados títulos que têm se tornado referências relevantes para a área, mas que não foram incluídos no corpus de análise por não atenderem ao critério temporal. Além disso, a pesquisa em repositórios institucionais nas 15 universidades brasileiras que compõem a AUGM revelou uma série de ações de extensão que dialogam com a temática da língua e cultura guarani, ações essas que merecem ser examinadas numa oportunidade futura.

É necessário registrar que este levantamento buscou traçar um mapeamento das produções acadêmicas no âmbito da pesquisa em torno da língua e cultura guarani nas

universidades brasileiras vinculadas à AUGM no período de 2015 a 2020, ou seja, período anterior à implementação da Cátedra Guarani. Portanto, os dados levantados e analisados não permitem, num primeiro momento, avaliar o impacto da criação de tal instrumento acadêmico sobre as produções investigativas. Desse modo, este estudo abre espaço para que, no futuro, novas avaliações sejam feitas com a finalidade de verificar os efeitos da criação da Cátedra Guarani sobre as universidades membro da AUGM.

## Referências

- ALENCAR, M. C. **Eu acho que os índios não querem mais falar na linguagem por causa do preconceito, não é professora!:** desafios na educação escolar intercultural bilíngue entre os Aikewara & Guarani-Mbya no sudeste do Pará. 2018. 383f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- AZZALI, A. C. **A designação das línguas e sua distribuição para falantes na tríplice fronteira Brasil - Paraguai – Argentina.** 2019. 165f. Dissertação ( Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- BANIWA, G. L. Desafios no caminho da descolonização indígena. **Novos Olhares Sociais**, v. 2, nº 1, p. 41- 50, fevereiro, 2019.
- BONFIM, F. Diversidade linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias. **Caletroscópio**, v. 4, n. Especial, 2016.
- BRAGA, S. R. J. **O convívio de línguas em Ciudad del Leste**, Paraguai. 2015, 64f. TCC (Graduação em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- CASTANHO, E. G. **Entre a tradição e a tradução:** representações sobre identidades e línguas da fronteira Brasil/Paraguai. 2016. 231f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- CARVALHO, R. B. de. **Análise morfológica da língua Kaiowá:** fundamentos para uma gramática e dicionário bilíngue. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- EMGC, E. M. G. C. **Caderno Mapa Guarani Continental:** povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. / Equipe Mapa Guarani Continental - EMGC. Campo Grande, MS. Cimi, 2016.
- FELIX, F, M. **Guaranet:** Experiências de contato e intercompreensão em guarani, português, espanhol e francês. 2016, 150f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FRUTOS, L. **Aspectos sintáticos e semânticos da intensificação de grau no Guarani Paraguaio**. 2016. 352f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016.

GANDULFO, C. “Hablan poco guaraní, saben mucho”: investigación en colaboración con niños y maestros en un contexto bilingüe de Corrientes, Argentina. **Signo y Seña**, n. 29, pp. 79-102, 2016.

GEBELUCHA, D. **Narrativas míticas guarani no Brasil: das belas palavras às experiencições míticas - vozes de resistência dos guarani contemporâneos**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

GORSKI, C. **Os jesuítas e as línguas no contexto colonial Brasil-África**. 2018. 224f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinas em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

GUEROLA, C. M. **"Se nós não fosse guerreiro nós não existia mais aqui"**: ensino-aprendizagem de línguas para fortalecimento da luta Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng. 2017. 441f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GUSTAFSON, B. **Native languages and hybrid states: A political ethnography of Guarani engagement with bilingual education reform in Bolivia, 1989-1999**. (Doctoral dissertation, Harvard University). 2002.

HAMEL, E. Enfrentando las estrategias del imperio: hacia políticas del lenguaje en las ciencias y la educación superior en América Latina. In: DINIZ, A. G. et al (eds.). **Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização**, 2017. p. 229-261.

HAUGEN, E. The implementation of corpus planning: theory and practice. In: COBARRUBIAS, J.; FISHMAN, J. A. (Org.). **Progress in language planning: international perspectives**. Haia: Mouton, 1983. p.269-289.

MORELLO, R. (Org); SEIFFERT, A. P. (Org.). **Inventário da Língua Guarani Mbya - Inventário Nacional da Diversidade Linguística**. Florianópolis: IPOL: Editora Garapuvu, 2011.

KLOSS, H. Research possibilities on group bilingualism: a report. Québec: CIRB, 1969.

LOPEZ, L. E.; KÜPER, W. La educación intercultural bilingüe en América Latina: balance y perspectivas. Documento de trabalho. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 20, pp. 17-85, 1999.

LUSTIG, W. **Mba'éichapa oika la guarani?** Guarani y jopara em Paraguay. *Papia* (4) 2, 1996, pp. 19-43.

MELIÁ, B. **La lengua guaraní del Paraguay: historia, sociedad y literatura**. Madrid : MAPFRE, 1992.

MAIA, M. A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para educação intercultural bilíngue. **Tellus** , ano 6, n. 11, p. 61-76, out. Campo Grande, 2006.

MARIANI, B. **Colonização linguística; línguas, política e religião** (Brasil, sécs. XVI a XVIII e Estados Unidos da América, século XVIII). Campinas, Pontes, 2004.

OLIVEIRA, B. de. **“A gente tá apenas em construção, construindo nossa forma, tentando achar a forma ideal pra fazer uma educação diferenciada, e que nós queremos”**: a Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC e as políticas linguísticas. 2018. 113f. TCC (Graduação em Letras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

PORTILLO, D. E. D. **Uma poética desterritorializada em mar paraguayo**. 2018. 131f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Ecuador Debate**, Quito-Ecuador, ago. 1998.

RADÜNZ, D. L. **Roça barroca: mundos torrentes**. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

RAMIRES, D. **Sintagmas Nominais no Kaiowá: expressão de número e (in)definitude**. 2019. 50f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade Brasília, Brasília, 2019.

RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **D.E.L.T.A.** 9(1):83-103. São Paulo, 1993.

RODRIGUES, A. D. Tarefas da lingüística no Brasil. **Estudos Lingüísticos** (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada), vol. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. **Lingua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai**. 2000. 254p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1589966>. Acesso em: 9 jan. 2023.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guaraní**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São. Paulo, 1974.

SILVA, S. R. Á. Da. **“Com a flecha engatilhada”**: rap e textualidade indígenas descolonizando as aulas de literatura. 2017. 90f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SPÓSITO, C. C. **A transparência nas línguas da família Tupi-Guarani: guajá, kamaiurá, kokama e kaiowá.** 2021. 201f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2021.

STUMPF, B. O.; SITO, L. R. S. . “Toda a história estava na língua”: Reflexões sobre línguas e linguagens em licenciaturas indígenas de brasil e colômbia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 137–170, 2022. DOI: 10.22456/1982-6524.123714. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/espacoamerindio/article/view/123714>. Acesso em: 28 mai. 2023.

TOLEDO, B. F.; MIRANDA, C. C. . Por que documentar e descrever línguas? A importância desses estudos para revitalização e fortalecimento de línguas indígenas brasileiras. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 6, 2021. DOI: 10.5216/racs.v6.67284. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/67284>. Acesso em: 29 mai. 2023.

### **Sobre os autores**

*Vitor Jochims Schneider* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4135-2083>)

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria. Coordenador do Grupo de Estudos em Linguagem e Interculturalidade (GELI).

*Gabriel Eduardo Gonçalves* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5362-0444>)

Graduando em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisador e extensionista vinculado ao Grupo de Estudos em Linguagem e Interculturalidade (GELI).

Recebido em fevereiro de 2023.

Aprovado em maio de 2023.